

De perto em perto: o Modo Operativo AND e os tempos da reparação

From Close to Close: The Modus Operandi AND and the timings of reparation

 **Eugenio, Fernanda**

 <https://orcid.org/0009-0001-2643-8567>

AND Lab | Centro de Investigação em Arte-Pensamento & Políticas da Convivência
fe.eugenio@gmail.com

Resumo

O Modo Operativo AND (MO_AND) é uma metodologia de investigação-criação de políticas de reparação assente numa ética de cuidado e convivência em reciprocidade, que parte do reconhecimento da inseparabilidade entre todas as manifestações vitais. Este texto, estruturado em tópicos derivados de duas conversas entre a autora e o investigador Luca Aprea, reúne reflexões acerca de um dos aspetos da prática do MO_AND: o trabalho filigranar de reorientação sensível da relação humana com o tempo, através da ferramenta-conceito chave do MO_AND, o Reparar. O MO_AND dedica-se à desaprendizagem sensível do tempo linear, progressivo e acelerado e das lógicas extrativistas, produtivistas e interpretativas do mundo tal como o conhecemos, propiciando a restauração e a restituição dos ciclos vitais da dádiva (dar-receber-retribuir) e a re-membração da sensibilidade e do estado de presença, a partir de uma prática de fractalização da percepção. Exercitando a escuta e a atenção distribuídas, o discernimento situado, a comparência atempada e a tomada de decisão enquanto gesto de des-cisão (desfazimento de cisões), o MO_AND favorece o desbloqueio dos acessos sensoperceptivos à teia de co-implicações relacionais que nos envolve e 'in-volve'. A reativação desta sabedoria encarnada nutre e dá consistência ao compromisso central do MO_AND: o trabalho íntimo e coletivo de reparar (n)o Irreparável.

Palavras-chave

Reparação, Tempo, Presença, Atenção, Percepção

Abstract

The Modus Operandi AND (MO_AND) is a methodology for researching and creating reparation policies based on an ethic of care and reciprocal coexistence, rooted in the recognition of the inseparability of all vital manifestations. This text, structured into topics and derived from two conversations between the author and researcher Luca Aprea, gathers reflections on one aspect of MO_AND's practice: the delicate work of reorienting the human relationship with time, through MO_AND's key tool-concept, encapsulated by the Portuguese word 'reparar'. MO_AND is devoted to the sensitive unlearning of linear, progressive, and accelerated time, as well as the extractivist, productivist, and interpretive logics that shape the world as we know it. It fosters the restoration and restitution of the vital cycles of the gift (giving-receiving-reciprocating) and the re-membering of sensibility and the state of presence, through a practice of fractalized perception. By exercising distributed listening and attention, situated discernment, timely presence, and decision-making as a gesture of *de-scission* (undoing of splits), MO_AND facilitates the unlocking of sensory-perceptive access to the web of relational co-implications that surrounds and involves us. The reactivation of this embodied wisdom nourishes and gives consistency to MO_AND's central commitment: the intimate and collective work of repairing the Irreparable.

Keywords

Reparation, Time, Presence, Attention, Perception

O Modo Operativo AND (MO_AND) é uma metodologia para a investigação ético-estética, somático-política e experiencial da relação e da reciprocidade, assente no compromisso radical em 'reparar (n)o Irreparável', que tenho vindo a construir e desdobrar desde os anos 2000. De aplicabilidade transversal às mais diversas áreas – do manejo quotidiano do viver-juntos à criação colaborativa; das práticas artísticas às práticas de cuidado; do trabalho de (re)mediação ao trabalho de intervenção; dos processos de tomada de decisão às iniciativas experimentais de reconexão sensível com a Terra; do cartografar-curar do soma e dos afetos individuais às lutas íntimas e coletivas por trans-forma-ação, decolonização e justeza social –, o MO_AND pode sintetizar-se num triplo procedimento: Re-parar, fazer a Reparagem e sustentar a Reparação. O compromisso de praticar os conceitos – tornando-os ferramentas e devolvendo-os ao uso de forma muito direta e no terreno – é o que imprime ao MO_AND o seu caráter ao mesmo tempo singular e amplo.

Ao longo de mais de 20 anos de pesquisa, o MO_AND foi aos poucos assumindo a forma de uma constelação

de práticas, jogos e ferramentas de pensamento, cuidado e modulação da presença. Hoje, ademais de funcionar como uma metodologia de criação de uso abrangente nas artes do corpo e nas artes visuais, também vem sendo aplicado, por mim e por investigadores de diversas áreas, na (re)criação de políticas de convivência e na (re)imaginação de outros mundos possíveis: como uma ética comprometida com a recalibração da coexistência em direção à reciprocidade e ao reconhecimento da inseparabilidade entre todas as manifestações vitais. Esta ética que anima o MO_AND opera, sobretudo, como um exercício de reparação.

Em março deste ano, recebi com alegria e surpresa o contacto do investigador Luca Aprea, que, no contexto de estar a preparar uma edição temática à volta dos modos de abordar, praticar e co-sentir o tempo nas artes, tinha encontrado nas ferramentas e jogos do MO_AND um conjunto singular de chaves de aproximação a esta questão. A seu convite, tivemos duas inspiradoras conversas sobre o MO_AND, a partir da "porta de entrada" temática do tempo, que são agora aqui partilhadas sob a estrutura de tópicos.

Re-parar, Reparagem, Reparação.

A operação do Reparar é a síntese da prática e envolve uma tripla modulação. A primeira modulação é aquela que, de certa forma, desbloqueia o acesso às modulações seguintes, e consiste em *re-parar*, no sentido de “voltar a parar”. O “voltar a parar” abre-se como possibilidade sempre que algo inesperado ou desencaixado – que, no contexto do MO_AND, designo de “acidente” – irrompe e nos para, ou seja, interrompe e suspende os nexos que temos em marcha. A questão é que tudo está desenhado, até o próprio tempo, para que essas interrupções nem sequer sejam notadas pela nossa sensibilidade, pois são imediatamente limadas na sua diferença e anexadas a alguma regularidade pré-reconhecida, o que acaba por silenciar o seu potencial de *ruptura*. Ou então são percecionadas como um obstáculo, algo que está a empatar a vida e a impedir a concretização do que já se pretendia fazer. Neste caso, surge uma impaciência para “resolver”, e esta resolução passa, muito provavelmente, por uma lógica de ajustamento da coisa a um qualquer modelo de representação domesticado, que permita, a partir daí, restabelecer o nexo prévio e retomar a marcha.

Por outras palavras, tudo é feito para preservar o nexo, a ligação que já existia, e não para se abrir à potência do novo campo criado pelo acidente.

A menos que, por fortuna, o acidente seja “lido” como agradável ou positivo.

Mas, mesmo quando isto acontece, a abertura inicial muito rapidamente tende a dar lugar a um processo de identificação e de apego, o que acaba, de igual modo, por tentar domesticá-lo e enquadrá-lo no que já se sabe.

Assim sendo, re-parar, voltar a parar no ponto onde a interrupção se dá, é, talvez, a única hipótese de preservar a brecha por onde um outro modo de se relacionar com o tempo e com o acontecimento possa manifestar-se.

Pensando na relação com o tempo, considera-se muitas vezes, do interior das sensibilidades aceleradas do mundo-como-É, que não há tempo para “reparar”. Estamos sempre a correr atrás do tempo, essa flecha linear, progressiva e unidirecional.

Assim, a ética da reparação tem, como gesto reparador primeiro, um exercício de reencontro com o tempo

que existe dentro do próprio tempo das coisas, uma re-conexão capaz de suspender a percepção sensível e vertiginosa de que “não há tempo para voltar a parar”.

Porque existe, dentro de cada acontecimento, por mais veloz que seja, uma zona de lentidão, um intervalo de duração em que é possível “reparar”.

Evidentemente, essa zona pode variar objetivamente, mas há sempre tempo para alguma lentidão, mesmo que seja dentro da pressa.

É um exercício da atenção, uma prática de reorientação sensível e de “fractalização da percepção”.

Uma vez reaberto o acesso a este intervalo, entram em jogo as duas outras dimensões do reparar, que se posicionam em relação ao “Irreparável” de forma mais evidente. Estes dois sentidos do reparar aproximam-se dos significados atribuídos pelo dicionário, mas, no AND, assumem subtilezas específicas:

- O primeiro, que chamo de *reparagem*, aciona o *reparar* enquanto modo proximal e implicado da atenção-percepção;
- O segundo, a *reparação*, é o exercício do cuidado-curadoria das relações na sua duração, que acompanha as suas transformações e reorientações, e implica um compromisso com a sua constante reabilitação, ao invés do descarte ou da desistência.

Essas duas modulações constituem o núcleo da ética do MO_AND: por um lado, o exercício da atenção distribuída, que inventaria relevos sem hierarquizar em relevâncias ou irrelevâncias de partida, reconhecendo relações e, por conseguinte, situando posições; e, por outro, o exercício da reparação enquanto manuseio das questões em jogo, um assistir sem espestar, um cuidado em reorientar condicionantes em condições, abrir o que poderá estar demasiado fechado, explicitar o que poderá estar demasiado implícito, um exercício de responsividade sem reatividade.

Ultimamente tenho estado, ainda, a trabalhar em modulações específicas da própria reparação.

Por exemplo, há algum tempo que me tenho concentrado sobre a questão da *re-membração* enquanto gesto de reparação, envolvendo, por um lado, um trabalho de

re-memoração e, por outro, de re-membramento.

Rememorar que estamos em relação de co-impliação com tudo o que se passa permite-nos entrar em contacto novamente com a experiência sensível da inseparabilidade e fazê-la força política de comparação no comum.

E re-membrar, no sentido de reconjuntar, de compor outros agregados, outros corpos, outras organizações sensíveis com os “membros” que já temos.

Recentemente, tenho também refletido sobre a *restauração* como forma de reparação.

Neste caso, o foco recai sobre a pesquisa de antídotos para a sintomatologia coletiva do desamparo e do desencanto contemporâneos, por um lado, recuperando a possibilidade do descanso profundo, somente possível quando se resgata o senso de amparo e a rede de confiança que este provê, permitindo repousar e repor forças para a luta; por outro lado, para reconectar com o encanto, trabalhamos a restauração enquanto exercício de *re-historiação*: uma prática que procura reabrir a clausura dos pontos de vista e reganhar o acesso às “vistas do ponto”, permitindo reparar histórias de vida pessoais e coletivas.

Este ano, tenciono centrar-me na reparação enquanto *restituição*.

É uma dimensão da reparação que tem sido muito discutida a uma escala macrossocial – por exemplo, na restituição às terras de origem dos bens expropriados durante o período colonial.

Reparar envolve restituir o que foi saqueado, o que foi tomado ao invés de dado e recebido co(n)sentidamente, instaurando uma relação de desigualdades e desequilíbrios severos e estruturais.

No MO_AND, abordamos a matéria do acontecimento enquanto *dádiva*: o que acontece, dá-se, oferece-se.

Entretanto, esta *dádiva* só prolifera se for aceite e retribuída.

O modo saque corrompe a integridade da *dádiva*, cindindo-a em *dívida* e *dúvida*.

Ela, que conteria em si os germes relacionais da reciprocidade/distributividade e da metamorfose vital, é separada, dividida, alienada – convertida num conjunto de

modelos prescritivos (*dívidas*) e comparativos (*dúvidas*).

Ao trabalhar na restituição da *dádiva* vital, pesquisamos modos de operar a *des-cisão*. Esta ferramenta-conceito do MO_AND permite-nos exercitar modos de desfazimento das cisões, separações e dualismos que convertem a *dádiva*, na nossa sensibilidade, num conjunto de *dívidas*, obrigações a cumprir, e de *dúvidas*, invalidações de si e de outros.

O acontecimento-*dádiva*, quando se dá, convida-nos a receber e a retribuir.

Mas trata-se de um compromisso ético de responsabilidade e participação – que bem poderia ser também um antídoto para o individualismo –, e não de uma obrigação compulsória, um deve-ser fixado e enrijecido.

Se permitirmos, o dar-se do acontecimento interpela-nos a reabrir o que já sabemos, a reinventar o possível, a *trans-formar*, isto é, abrir as bordas da forma.

A *dádiva* desafia-nos e questiona-nos; mas, quando corrompida em *dúvida*, ocorre uma distorção, uma intoxicação do seu funcionamento, que passa a operar como um motor de cobrança, ataque e apequenamento de si e de outros.

O tempo do *entre*.

Para que seja possível trabalhar somático-politicamente na restituição da *dádiva*, é preciso recuperar, antes de mais, o tempo do intervalo, do *entre*: o tempo do voltar a parar, para reencantar a nossa relação com o acidente que irrompe e nos interrompe.

No MO_AND, o tempo do intervalo é, essencialmente, um tempo de criação.

Criação no sentido de criação artística – de obras, objetos artísticos, peças, instalações, o que for –, mas também criação no sentido de reinvenção de outras possíveis ecologias de existência e de inter-relação, a partir de um certo espalhamento desta ética.

Uma sensibilidade mais pervasiva poderia talvez permitir que muitas relações interpessoais fossem mediadas por esta ética que reconhece os intervalos, que reconhece os tempos de reparação durante o acontecer.

Trata-se de recuperar uma percepção mais “fractalizada” e menos fragmentada das coisas, e, por outro lado,

de associar isso a um certo comprometimento político com o cuidado.

As práticas do MO_AND contribuem para uma espécie de desaprendizagem de lógicas hegemónicas que funcionam como filtros ou lentes para o nosso estar-nos-mundo, lógicas que aprendemos e incorporamos ao longo de muito tempo.

A forma “escola”, por exemplo, contém uma série dimensões que incutem nos nossos sistemas uma certa percepção e valorização do tempo, enquanto algo perante o qual estamos sempre em dúvida: um tempo em que temos de responder, decidir (e não “des-cindir”), entregar resultados e soluções.

Um tempo que, quanto mais eficientemente vivido, melhor.

Mas esta métrica reduz tudo à dicotomia eficiente/deficiente, fazendo-nos perder aquilo que, na minha perspetiva, tem de estar presente em cada momento que é: a *suficiência* – ou seja, a possibilidade de usar, com *justeza* situada, o que está disponível a cada vez, incluindo o próprio tempo, aquele tempo que existe para cuidar das relações enquanto elas acontecem.

Entre outras, esta é uma das questões que move o projeto-central do AND Lab, a Escola do Reparar: ao reclamar que um espaço possa ser uma escola, reivindicamos a possibilidade de reparar o próprio dispositivo “escola”, que historicamente opera pela (con)formação, trabalhando na sua potência enquanto campo de (des)aprendizagem e *trans-forma-ação*.

Afinamo-nos, assim, com outras iniciativas que têm vindo a “repovoar” e a “reflorestar” o que pode a forma escola, como as escolas vivas indígenas no Brasil, ou os exercícios e projetos de escolas temporárias que se têm propagado de modo expressivo no campo artístico português nos últimos anos.

Esta reivindicação, a de que nos seja restituído um tempo de cuidado e autocuidado ético (e não meramente cosmético) no interior do próprio tempo corrente, de que o cuidado não seja sempre ausente, tardio ou insuficiente, é um reclamar de volta da presença e de um agir consequente com a consciência da interconexão e da inseparabilidade.

É um compromisso com a descontinuação do Irreparável enquanto política de reparação.

Se for possível restituir o tempo dentro do próprio tempo, será também possível interromper a tendência de replicação infinita das lógicas de saque irreparáveis.

Historicamente, qualquer sensibilidade dominante só o é porque coloniza as nossas próprias sensibilidades, para que sejamos nós a reproduzi-la, caso contrário, como é que ela poderia ser tão eficaz?

Elá convence-nos de que estamos em dúvida relativamente a uma série de coisas: que temos de trabalhar de determinada maneira, que temos de correr, que temos de nos apressar, que o tempo está a acabar, que o tempo não volta.

Com essa percepção de um tempo linear e progressivo, nós devemos, cada um(e) dentro da sua biografia, cumprir também uma escalada progressiva, de maior sucesso, de maior entrega, de maiores resultados, num determinado período de tempo.

Com esta lógica entranhada, torna-se muito difícil reparar as coisas ao longo, e é por isso que trabalhamos com o objetivo de a desaprender.

Desaprender esta lógica permite romper com o pacto coletivo perverso que tende a abordar o que acontece sob a *perspetiva da falta*.

Esta perspetiva não reconhece o que se manifesta como possível a cada vez; tendencialmente, apegia-se antes a um ideal contra o qual tudo o que se dá é experimentado como faltante.

E, se recebemos o acontecimento como condicionante, é improvável que possamos aceder ao seu carácter de condição, abrindo-nos à abundância em potência desse encontro.

Ao desaprender a lógica predominante da falta, o que já está aí pode vir ao de cima, revelar as suas propriedades-possibilidades para a re-invenção de outras ecologias para a existência.

É uma prática simples, de reencontrar, no que acontece, portais contingentes de acesso ao plano sempre em atualização do que é possível a cada vez.

“Não ter ideias”.

Desintoxicar da ideia e do ideal é um dos compromissos de pesquisa do Modo Operativo AND.

Tanto que uma das formas de entrar na prática é a partir da questão-motora “Como NÃO ter uma ideia?”.

Habitar esta questão convida a frequentar uma relação com o tempo contrária ao utilitarismo e à aceleração, e a ativar um modo de estar no mundo e em relação a partir do *sabor*, uma sabedoria encarnada que se ativa na própria alquimia do encontro, e não do saber, entendido como conhecimento prévio e instituído, sintetizado num conjunto de ideias pré-concebidas.

Trata-se de permitir que a ideia *nos tenha*, ou que venha ter connosco: chegar a ela, ao invés de partir dela.

Isto reorienta o gesto compositivo, retirando-o de um lugar afirmativo para o assentar num plano de *firmação*: um compromisso de se *pôr-com* o que se manifesta (ao invés de compor), contrariando a vontade impositiva da ideia.

Haverá, talvez, uma dimensão de utopia nisto tudo, considerando que o mundo-como-é, o mundo tal como o conhecemos, é extremamente apegado à ideia, e organiza-se predominantemente como uma constante e ruidosa batalha de ideias que procuram impor-se umas às outras, uma guerra de opiniões em que toda a gente quer falar e já quase ninguém tem disponibilidade de escuta.

Perdeu-se o tempo da escuta: aquele intervalo, que poderia ser até bastante alargado, em que não se sabe, mas se saboreia; em que não se explica, mas se implica; em que as posições que se encontram tateiam modos de se repositionar umas com as outras.

Acredito, entretanto, que ainda e sempre há margem, senão para nos reorientarmos totalmente para este outro tempo, o da demora no fazer (do) comum, ao menos para criar zonas “fora da área de cobertura” do “massacre” do tempo urgente, vertiginoso e expropriante do capital.

A minha hipótese é que, se formos criando e sustentando, aqui e ali, zonas que conseguem funcionar desta outra maneira, é possível alastrar silenciosamente, *de perto em perto*, como costume dizer, esta espécie de re-curadoria da nossa relação com o tempo.

E isto faz-se também por um empenho de manejo

tático da nossa relação com os funcionamentos arraigados do tempo vertiginoso – lá onde não podemos deixar de estar em relação com ele, mas tampouco o podemos meramente acatar.

Porque, para que as nossas zonas de demora se mantenham vivas na sua capacidade de alastramento, é preciso que não se fechem em bolhas, que não se constituam em escapes nem em meras negações do Irreparável do mundo.

É preciso que se mantenham inseparadas do mundo-como-é, que se mantenham em relação, em reconhecimento de que não vivemos em isolamento nem em independência, de que tudo está interconectado.

Antídotos para a colonização do tempo futuro.

Como nos relacionamos com o tempo usurpador, com o tempo da pressa e da urgência, com o tempo do objetivo e dos resultados, a partir de uma ética de habitação do tempo da escuta e da dádiva?

Não é uma pergunta com respostas prontas.

Será preciso trabalhar minuciosamente na rematerialização, transmutando a matéria do saque, aquela que aparentemente não surge logo como matéria disponível e aberta ao que o encontro fará dela, mas sim como estruturação condicionante da circunstância em que iremos viver.

E isto aplica-se mesmo à dimensão mais quotidiana do nosso trabalho.

Por exemplo, o facto de as nossas atividades enquanto estrutura de investigação artística precisarem de apoios, e de se submeterem à lógica dos concursos e financiamentos, obriga a projetar e programar tudo com antecedência.

À partida, trata-se de uma domesticação ou colonização do tempo, uma espécie de penhora do futuro.

Para lidar com isso será preciso antes *firmeza* (de propósito) do que afirmação (de ideais).

Quando a condição de possibilidade de um projeto organiza-se quase como um inviabilizador recorrente dele próprio, é como se o entorno mais imediato estivesse continuamente a impedir o contacto sensível com a tatuagem do tempo enquanto este se manifesta.

O sistema em que vivemos funciona assim, generalizadamente, e vai-nos adoentando de desamparo e desencanto.

Daí a pesquisa que o MO_AND vem desdobrando: antídotos que permitam re-membrar e restaurar a experiência sensível da inseparabilidade, procurando práticas encarnadas que propiciem voltar a sentir e a reconhecer, seja a teia de amparo da vida, e portanto, reaver a possibilidade da pausa, do descanso profundo, da confiança numa rede de apoio; seja a sensação ativa da sua dimensão encantada, e com ela a possibilidade concreta de (auto)reparação histórica, de encontrar quietude no não-saber e num empenho comprometido em honrar e respeitar a vida, no seu mistério envolvente e *in-volente*, e na sua multidimensionalidade e agência distribuída, muito mais-que-humana.

O nosso aparato sensível encontra-se enredado nessa trama adoentada de desamparo e desencanto, e devolve uma constante sensação de dúvida-dúvida, da qual pesquisamos com o MO_AND como firmemente se desemaranhar, se *des-ilusionar*.

Será preciso manejo, será preciso contornar continuadamente a ilusão de que só nos resta “negociar o inegociável”...

Isto manifesta-se de forma muito ostensiva no financiamento das artes, para falar de uma situação que vivemos de perto, mas evidentemente é algo muito mais pervasivo, que corrói toda a gente, em todo o lado.

Vendemos um tempo que ainda não vivemos para um projeto, e depois temos de o cumprir de alguma forma.

A lógica de projeto quase obriga a “ter uma ideia”, a deixá-la expropriar-nos o futuro, e a começar cada novo processo a correr atrás daquele tempo que já foi planeado, mapeado de antemão, e que, de certa forma, já tivemos de pré-determinar como deveria de ser utilizado.

Se permitirmos, isso não apenas compromete o processo a muitos níveis, mas, mais gravemente, defraudan-nos emocional e afetivamente.

No âmbito do MO_AND, relativamente a estes vínculos que condicionam o tempo, procuramos transformá-los em condições, de modo a reabrir a possibilidade de serem “reparados” e tornarem-se uma potência de cria-

ção.

Assim, os elementos de um tempo pré-confiscado, vendido a um apoiante, a uma fundação, ou sujeito a outras condicionantes, tornam-se matéria de jogo: como irreparáveis que são “tralhados”, vão sendo decompostos nas diversas linhas de força, re-perspetivados e re(s) sentidos, num processo que, conforme nos reposicionemos na relação com eles, propicia que também eles se recomponham, revelando novos caminhos afetivos para “estar-com o que há”.

É preciso contornar o risco, sempre à espreita, de que tudo feche em coerência e se limite, assim, a um exercício meramente discursivo de reorientação.

O cuidado que o MO_AND propõe para lidar com este risco consiste, justamente, em nos manter em relação de intimidade com a própria *consistência* das coisas, em presença franca.

Franqueza faz par com a firmeza, nas “Dez Posições ante o Irreparável”, uma das minhas formulações na constelação de ferramentas do MO_AND.

Assim, para não perder a relação de firmeza com o propósito, é preciso manter um exercício constante de franqueza, tanto na dimensão de compromisso com o constante re-conhecimento de si, com honestidade radical, como na dimensão de dar passagem à manifestação/gráça, ao encantamento da vida e ao vivo, na sua diferencialidade e metamorfose constantes.

Estar em pré-paração.

Até aqui, falámos de como realinhar a nossa sensibilidade ao tempo justo dos acontecimentos, através do exercício da tripla modulação do reparar proposto pelo MO_AND, disparado pelo gesto de voltar a parar lá quando (e onde) somos interrompidos.

Estamos a falar de um trabalho que abre caminho para uma reparação mais abrangente, sendo ele próprio já um ato de auto-reparação.

A sensibilidade mais pervasiva no mundo que conhecemos e habitamos — contemporâneo, ocidental, capitalista — é normalmente fragmentada: uma parte tende a ficar no que já foi, mas que ainda não digerimos totalmente, e outra parte projeta-se mais para a frente, adian-

tada no tempo.

Quando um tal aparato sensível é atingido com força suficiente, ou seja, mais intensa do que a velocidade a que vamos, surge uma oportunidade para o exercício de “voltar a parar”, que seria a nossa forma de aceitar esse pacto recíproco, reconhecendo a interrupção. A partir daí, algo que não sabemos começará a emergir.

Como o acidente é de facto recíproco — eu sou “acidentada pelo acidente”, mas também “acidente o acidente” — não há pretensão de legislar sobre ele: só podemos ocupar-nos eticamente aa forma como nos disponibilizamos para o receber.

Se o reconhecemos e aceitarmos, ou se mesmo que não o queiramos permitir, o acidente tiver mais força do que nós e nos interromper, teremos então de exercitar o “voltar a parar”.

A partir deste momento, instaura-se um campo intervalar, no qual nos podemos co-fazer e refazer reciprocamente.

Este será também um campo de reconhecimento num outro sentido: o de *voltar a conhecer-se*.

Porque poderemos pegar em tudo o que trazemos, nas paisagens afetivas individuais que nos compõem, e reabri-las, percorrê-las, senti-las e significá-las a partir do encontro, na relação com o acidente que surgiu.

À medida que persistimos na frequentação consistente desta prática e ganhamos intimidade com as espirais de tempo dentro do tempo que o re-parar explicita, torna-se possível aceder a um outro estado.

Não aquele em que temos de convidar-nos a “voltar a parar” a cada vez, mas um estado em que, por assim dizer, já estamos em pré-paração quando o acidente nos encontra.

Um estado de presença desperta, desapegada e disponível, em que, de certa maneira, deixa-se de todo de “fazer tempo”, seja ele o da responsa-habilidade ou o da reatividade.

No lugar desta “fazeção” emerge a experiência direta do (extra)ordinário, uma sintonia fina entre tempo interior e tempo exterior.

Neste estado de desabituação, o ordinário deixa de ser equivalente ao familiar ou ao já sabido.

Há uma componente ativa de calmaria, permeada pela curiosidade despretensiosa; dá-se uma re-curadoria da nossa relação com o encanto.

Na maior parte das vezes, é improvável que possamos começar por aí.

Precisamos de começar por desaprender a reagir e a interpretar, pelo trabalho de “voltar a parar”, porque a nossa sensibilidade não está inteiramente *presente no presente*.

Pode estar parcialmente confiscada por algo que já se foi, mas com o qual ainda permanece alguma dose de apego; algo que não é do aqui e agora, mas que ainda ocupa e carrega o campo afetivo.

Ou, então, pode estar projetada para a frente, tentando controlar e compor o que está porvir, penhorada na expectativa, no prazo, no objetivo, etc.

É uma presença cíndida, e, portanto, para que seja capaz de reconhecer como tal um acidente, este tem de ter realmente uma força maior, tem de ser de facto uma interrupção radical — caso contrário, poderá nem ser notado, ou, se for, será bastante difícil contrariar o automatismo com que muito rapidamente lhe daremos um sentido qualquer, seguindo adiante com a menor afetação possível.

Por isso, na maioria das vezes, o empenho ético terá de se ocupar primeiro em devolver à sensibilidade a sua integridade, intoxicada pela ilusão do tempo linear e progressivo, que não consegue juntar todos os seus pedaços de presença no quando-onde situado do encontro.

Com prática constante, algo se alarga e assenta.

E, vez ou outra, é possível estar com esta disponibilidade para o que há e para o que se manifesta, antes mesmo de uma interrupção externa sobrevir.

Estar em pré-paração é algo que pode ser cultivado; talvez não possamos manter-nos neste estado permanentemente, mas é possível acentuar a frequência com que encontramos o acesso a ele.

Fractalização da percepção.

Esta é uma das questões sobre as quais me propõe trabalho muito diretamente: desbloquear o acesso sensível.

Porque não há nenhum acontecimento que não seja um co-acontecimento.

Os acontecimentos estão continuamente disponíveis. Oferecem-se: são dádivas.

O acidente e a dádiva são, na verdade, a mesma coisa.

Mas nem sempre temos acesso a eles, nem conseguimos, em permanência, fazer ligação com a sua multiplicidade.

Isto tem a ver com uma deslocação na percepção, que consistiria em deixar de ver entidades discretas para passar a ver relações.

Quando digo *ver*, estou a dizer *sentir*. Não me refiro apenas à visão.

Porque a visão, enquanto um dos acessos possíveis ao acontecer, é também um dos que pode ser mais enganador, mais confirmador de uma separação que não existe.

Ao exercer o plano do visível, estou a mover-me num plano que reconhece unidades discretas, fragmentos.

Mas fractalizar a percepção, neste sentido, seria o quê?

Não se trata de deixar de ver os fragmentos, mas de aceder a algo que não está lá para ser visto com os meus olhos, algo que diz respeito à densidade do corpo do acontecimento.

É o modo como esses milhões de entidades que a minha visão reconhece como discretas se relacionam entre si.

As relações entre essas relações são o acontecimento.

Quando digo que treino a fractalização da percepção, refiro-me a um exercício de deixar essa cortina de fumo dos entes discretos dissipar-se um pouco, para que eu possa aproximar-me da superfície da sensibilidade e percepção das relações, das interconexões entre essas várias coisas: o modo como elas estão em movimento, ou seja, o modo como elas estão a co-acontecer juntas, o modo como se movem, co-acontecem e se relacionam umas com as outras de formas absolutamente singulares e (extra)ordinárias a cada vez.

Só é possível aceder a esta textura, a esta densidade, a esta complexidade – em que, sem “desver” os cada-

-quais, também vejo esse caldo viscoso de “tudo” que os perpassa e interconecta, e, sem “desver” este “tudo”, também vejo o “todo” – se fractalizarmos a percepção de modo a ver as relações e o modo como elas co-participam nos muitos micro-acontecimentos que compõem este acontecimento maior (maior apenas porque a minha perspetiva assim o determina).

O acontecimento é onde o eu está, não onde eu estou. É onde o eu está.

Mas há milhões de *eus* a estarem em lugares diferentes, cada um a reivindicar que o acontecimento seja “aquel”, e que o seja a partir do seu ponto de vista.

Portanto, a percepção fractalizada reconheceria a coexistência de um multiperspectivismo generalizado em tudo o que acontece.

Reconheceria, quase imediatamente, como componente da minha perspetiva, todas as outras perspetivas em jogo, mesmo aquelas a que não consigo aceder, por muito que me esforce para o fazer. O acesso ao invisível desta teia de relações seria veiculado por essa fractalização da percepção.

Ainda assim, por mais que nela trabalhe, haverá sempre algo a que não consigo aceder.

Grande parte do trabalho da reparação tem a ver justamente com reconciliar, ou curar, essa nossa capacidade de receber.

Conflitos de interesses

A autora declara não haver qualquer conflito de interesses.

Financiamento

O AND Lab | Investigação em Arte-Pensamento & Políticas da Convivência é uma estrutura financiada pela Direção-Geral das Artes (DGArtes) / República Portuguesa – Ministério da Cultura.